

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER  
NORMAL SUPERIOR**

**SIMONE DIAS DA SILVA**

**DE LAGARTA À BORBOLETA: FILOSOFIA DO SABER**

Rio de Janeiro

2020

**SIMONE DIAS DA SILVA**

**DE LAGARTA À BORBOLETA: FILOSOFIA DO SABER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadoras: Madalena Freire; Priscila Almeida

Rio de Janeiro

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Si381d Silva, Simone Dias da

De lagarta à borboleta: filosofia do saber / Simone Dias da Silva.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2020.–  
41 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2020. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadores Professoras Madalena Freire; Priscila Almeida

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4. Concepções de educação. 5. Educação democrática. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

**SIMONE DIAS DA SILVA**

**DE LAGARTA À BORBOLETA: FILOSOFIA DO SABER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil. Aprovado em dezembro de 2020.

---

PROFESSOR ORIENTADOR

---

PROFESSOR LEITOR

---

PROFESSOR LEITOR

Rio de Janeiro

2020

## LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro,

**SIMONE DIAS DA SILVA**

Dedico este trabalho de pesquisa aos meus pais: Geny Dias da Silva e Ednaldo Batista da Silva (in memoriam). Exemplos de força, coragem e superação, foram a mola propulsora que permitiu o meu avanço, mesmo durante os momentos mais difíceis. Gratidão eterna!

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e sua misericórdia sobre minha vida.

Aos meus filhos, Charles, Laura e Fellipe, meus amores, tudo que sou e faço é por vocês e minha vida só faz sentido, porque vocês existem.

A minha irmã, Adriana, que, mesmo distante, é minha maior incentivadora, meu braço direito na vida; obrigada por tudo que faz por mim e principalmente pelo meu filho.

A minha cunhada e comadre Márcia, que se revelou uma verdadeira irmã.

A minha sobrinha Mayara, pela sua sensibilidade e bondade.

À Célia, que sempre me socorreu, quando faltava dinheiro para passagem.

Ao meu amigo Bruno, por todo incentivo.

As minhas queridas Diretoras do EDI Porto Rico: Regina, Cristiane e Janete, pessoas maravilhosas que me acolheram e me apoiaram nesta caminhada.

À toda a Equipe do EDI Porto Rico.

À Paula e à Marluce, que sempre colocavam lanchinho na minha mochila.

À Barbara, companheira de trabalho, que sempre me socorria na sala de aula.

A minha amiga Fabiana, que caminhou todo percurso ao meu lado, até nos momentos mais conturbados.

A minha amiga Josimar, um presente que ganhei do Pró- Saber.

À Marisa, à Suely, à Neide e à Sônia, quatro queridas, com histórias de vida que se entrelaçaram na minha.

À Cláudia Sabino, que foi muito mais que uma professora.

A Clara Araújo, minha eterna gratidão.

Deixo um agradecimento especial as minhas orientadoras, Madalena Freire e Priscila Almeida, pelo incentivo e pela dedicação do seu escasso tempo ao meu projeto de pesquisa. Obrigada por me manterem motivada durante todo o processo.

Ao querido Tião, que sempre me recebeu com um sorriso no rosto e olhar acolhedor.

À querida Geissy, que se emocionou comigo no dia do resultado das provas, da qual me aproximei e fiz uma linda amizade, uma pessoa maravilhosa, disponível e carinhosa, com quem desabafei muitas vezes.

À Cláudia Casa Nova, pelo seu carinho e paciência nestes três anos.

À querida Joana D'arc, pelo incentivo e pelas palavras de conforto sempre.

Também quero agradecer ao Pró- Saber e todo corpo docente, que demonstrou compromisso com a qualidade e excelência do ensino.

Aos meus colegas da turma 2018, pelas trocas de ideias e ajuda mútua. Juntos conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos.



“Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe perigo de mexer no que está oculto - e o mundo não está à tona está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existe intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras - quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo”. (LISPECTOR, 1978, p. 14-15)

## RESUMO

A concepção democrática de ensino aposta no educando como ser único, capaz e que constrói seu aprendizado. O professor tem a função de mediar, proporcionar vários meios de aprendizagem. Ele caminha junto, e faz intervenções, convocando seus alunos para a reflexão. Esta concepção expressa uma filosofia, onde o aluno reaprende a observar o mundo, a enxergar o outro e assume uma postura criativa e crítica diante da vida. A educação é uma arma poderosa e transformadora provoca o exercício de liberdade pelos educandos. Liberdade de agir, de ser e estar no mundo. Não existe um padrão de ideias que seja soberano, tudo pode ser modificado, construído ou reformado, conforme o entendimento de cada um. O ser está sempre se construindo, o professor, nesta concepção, necessita de reflexão diária sobre sua prática e estudos constantes.

**Palavras-Chave:** Democracia. Transformação. Filosofia. Prática. Observação.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1 PERCURSO</b>	<b>12</b>
<b>2 BORBOLETAS NO ESTÔMAGO</b>	<b>18</b>
<b>3 TEORIA E PRÁTICA: COMPROMISSO E RESULTADO</b>	<b>35</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo revelar as transformações pelas quais passei desde que me tornei aluna do Pró-Saber. Foi um resgate de vida, o nascimento de uma nova conduta diante do mundo. Uma tomada de consciência através do exercício constante da observação, reflexão e de muitos estudos.

No primeiro capítulo, abordo o caminho que percorri até chegar ao Pró-Saber, revelo minhas inquietações e desejos.

No segundo capítulo, mergulho na metodologia do ensino desenvolvida por Madalena Freire e destaco os instrumentos metodológicos, que são ferramentas indispensáveis nesta concepção de ensino democrática. Me detenho ainda em algumas disciplinas, que me fizeram repensar a minha prática como educadora e promoveram muitas mudanças na minha rotina dentro de sala de aula, entre elas a Filosofia, que está presente desde o vestibular e que me convocou a pensar e me expor.

O terceiro capítulo traz minhas intervenções dentro da prática a partir do que eu aprendi neste curso. Trago os resultados positivos, comprovando que o professor, antes de mais nada, precisa gostar do que faz, gostar de gente e exercitar o olhar para enxergar além do óbvio, "escutar" o corpo que fala, acolher seus alunos como um todo e também individualmente. Possibilitar encontros entre família e escola, caminhar de mãos dadas com demais profissionais e, acima de tudo, saber ouvir.

Para realizar esta pesquisa resgatei memórias dos três anos deste curso, para isso, foi necessário fazer a reunião dos textos de estudo, sínteses das aulas, fotografias, livros e lembranças que foram surgindo, a partir das conversas com os colegas.

Uma lagarta não vira borboleta de uma hora para outra; uma borboleta não sai de um casulo com tanta facilidade e leveza que suas asas simbolizam. É um processo longo, lento e doloroso. Neste momento, sinto meu casulo se romper, já sinto o ar fresco invadindo por uma fresta. As asas anseiam pelo voo. O que será que me espera fora deste casulo? Sinto que tenho muito ainda para descobrir...

## 1 PERCURSO

No ano de 2012, ingressei na Educação, passei no concurso público para Agente de Educação Infantil da Prefeitura do Rio de Janeiro. Jamais imaginei trabalhar com crianças pequenas e dentro de uma creche. Fiz o Concurso, buscando a estabilidade e a segurança do setor público. Entretanto, não tinha nenhuma formação na área. Fui designada para uma turma de berçário 1, totalmente crua, somente com a experiência de mãe, pois já estava indo para o terceiro filho.

Na busca de uma melhoria financeira, percebo que a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro estava disponibilizando uma gratificação para quem tivesse o curso Normal Médio. Fui buscar o curso Técnico de Formação de professores, em Vila Isabel. A partir das aulas, durante o curso, foram surgindo inquietações, lacunas que não foram preenchidas, e fui estimulada por alguns professores a continuar os estudos depois dessa formação. Conheci duas professoras maravilhosas, que me incentivaram muito: Vivianne Novello e Kátia Garcia. Terminei o curso em um ano e sai almejando o Ensino Superior.

Na Creche Municipal Winnie Mandela, ouvi falar do Pró- Saber e me interessei, primeiro, pelo fato de ser gratuito, já era um grande passo, pois não teria como pagar naquele momento. Algumas colegas me disseram que era quase impossível passar na prova do vestibular, porque era muito difícil. Em anos anteriores, todas fizeram a prova e não obtiveram êxito. Confesso que fiquei desanimada, contudo, em 2015, minha amiga Roberta Costa (Auxiliar que trabalhava comigo na Creche Municipal Winnie Mandela) ingressa no Pró- Saber.

Eu acompanhava o seu esforço, lia os textos que ela recebia e me apaixonei por Madalena Freire, de quem ouvi falar muitas coisas boas: pessoa de alto astral, aulas fantásticas e divertidas e com muito conteúdo. Além disso, sempre trazia um arranjo com flores para levantar a energia. Li também um texto de Madalena, que contava suas experiências na Educação Infantil e das muitas descobertas com a galinha Genoveva. Roberta falava sempre com muito carinho desta instituição do Saber, dos professores, do Tião e da Geissy.

Acompanhei as mudanças visíveis na prática e as ideias que ela trazia para nossa turma. Pouco tempo depois, Roberta passou em outro Concurso, como Professora de Educação Infantil e assim nos afastamos.

Prestei o vestibular 2018, na busca de inspiração para minha vida. Chega a hora da divulgação dos resultados e me deparei com um quadro com os nomes dos aprovados. O coração pulsando mais rápido, procurei meu nome no fim da listagem, bem embaixo, por achar que estaria em ordem alfabética, mas não o encontrei. Me entristeci por alguns instantes, até que minha amiga Fabiana Oliveira (amiga pessoal, nos conhecemos na Creche Winnie Mandela e prestou o vestibular comigo para o Pró- Saber) olhou para cima e me mostrou meu nome. Lá estava eu, entre dois futuros colegas de turma notas 10, a Jéssica e a Jaqueline. Não contive as lágrimas! Abracei a Geissy, funcionária do Pró- Saber que, mesmo sem me conhecer, acabou chorando comigo. Naquele momento, tive a certeza de que o Pró-Saber mudaria minha vida.

A forma como fomos recebidos foi inesquecível! O acolhimento e a afetividade estiveram presentes em todo o processo. Na aula inaugural, fomos recepcionados pela turma 2015 e pude rever minha amiga Roberta Costa, que me incentivou demais. Sempre dizia que eu "tiraria de letra". Um a um fomos chamados ao Mapa, para colocar uma estrela sobre o bairro onde vivemos. A sensação era de estar chegando a algum lugar de viagem. Cada um com sua bagagem, uns estavam eufóricos e falantes, outros, silenciosos e observadores.

Após o término da aula inaugural, confesso que, estava tão deslumbrada com o momento e, por, finalmente, conhecer Madalena Freire, que era exatamente como a imaginava, que nem me lembro muito das falas. Me lembro dos rostos, dos olhares, das expressões corporais, dos sorrisos e do sentimento comum a todos, a gratidão. Outro ponto marcante foi na saída. Havia embrulhinhos vermelhos, com um delicioso bolo de chocolate e os nossos nomes com plaquinhas. Foi emocionante! Senti-me verdadeiramente acolhida e abraçada.

Fotografia 01--Estrelas na Terra



Autora: Priscila de Almeida

Fotografia 02 -- Mimos na Chegada



Acervo da autora

Com as aulas das professoras Madalena Freire e Clara Araújo, em que ambas trabalhavam com a disciplina Prática Metodológica I, fui apresentada aos Instrumentos metodológicos. Me debrucei sobre o conceito de grupo, suas relações, abraçando cada história, sem esquecer de voltar no tempo e encontrar os passos já conquistados para, assim conseguir oportunizar mais espaço para fortalecer o vínculo entre os pares. Posso dizer que começo a entender que a afetividade e a troca com o outro são relevantes na minha aprendizagem, sou importante porque o outro existe.

Os instrumentos metodológicos são ferramentas necessárias para a construção do conhecimento intelectual. Muitos profissionais se utilizam de ferramentas para alcançar os objetivos no seu trabalho tais como: o carpinteiro, que usa seu martelo e serrote, uma cabeleireira, que usa seu secador e escova, o guarda de trânsito, que usa seu apito para promover a ordem, assim também, fazem os professores que praticam a Metodologia de ensino desenvolvida por Madalena Freire - usam suas ferramentas de trabalho, que são a observação, o registro reflexivo sobre a prática/teoria, a avaliação e o planejamento.

A escola é um lugar que deve incentivar a construção da autonomia e autoria dos alunos. Hora de abrir espaço para o diálogo com os demais profissionais, pais e a comunidade. Na vida privada, vejo que é necessário reparar com atenção nas nossas escolhas, utilizar o tempo com excelência a fim de criar recursos para estabelecer o equilíbrio entre a vida pública e privada. Observar é acolher o outro, interpretar silêncios e expressões, é uma doação que exige presença e atenção. A observação nessa

metodologia analisa e avalia a realidade, direciona, estabelece focos para os pontos de observação. O que são os pontos de observação?

Os pontos de observação são questões que desafiam os alunos a pensar, refletir sobre os desafios de sua própria aprendizagem durante a aula. Eles são expostos no início e serão retomados no encerramento, na atividade de avaliação. O professor encaminha um foco na aprendizagem, um foco para a dinâmica do grupo e outro para o seu ensinar. Todos os alunos são convocados para socialização do ponto sobre sua aprendizagem e, geralmente, o professor escolhe dois alunos, um para observar a dinâmica e outro para o ensinar da coordenação.

Os pontos de observação também me deixavam angustiada pelo fato de estar sendo observada, o que me causava desconforto. Durante a aula, havia três observadores, sendo dois alunos e um educador na função de observador.

É interessante como reaprendi a olhar, a observar, desvelar, enxergar os significados dos pequenos gestos. Não é fácil deixar velhos hábitos, antigos conceitos, romper com o velho para assumir uma nova postura diante de uma concepção de ensino libertadora. Muitas vezes, estamos diante de algo que vemos, mas não enxergamos. O ver é imediato, frio, e não provoca nenhuma ação. O olhar é atento, lento, sensível, exige dedicação e um mergulho profundo em nós mesmos, estabelece conexão com o outro.

Outro instrumento metodológico indispensável para a vida profissional é o registro. Através dele, podemos organizar o pensamento e as ideias, avaliar o que foi positivo ou negativo em nossa rotina. O registro deixa nossa marca no mundo, nossas impressões acerca da realidade, mantém vivas as nossas experiências, oportuniza a construção de conhecimento coletivo, quando compartilhado no grupo.

Durante todo o processo de formação do curso somos convocados a escrever, registrar. Mas não é fácil, porque nos obriga a pensar. Também dá medo e paralisa. Algumas vezes, eu tentava escrever e nada saía, parecia que o meu pensamento havia sido bloqueado. Em outras, a escrita fluía naturalmente, sem conflitos.



O ato de registrar nos obriga a refletir sobre o nosso fazer diário, retomar as ações e replanejar, sendo ainda oportunidade de estudar, tendo em vista a retomada dos conteúdos. Se torna também uma fonte de pesquisa, pois, quem quer aprender pergunta e perguntar é pensar.

Aprendi que um bom registro começa na observação, na escuta. O registro no ato se dá, quando captamos o que mais foi importante, absorvemos a essência da aula e depois, em outro momento após a aula, construímos um registro com os detalhes, captados no ato, acrescido de uma reflexão, germe de nossa autoria, nosso ouro.

Na ação de avaliar, nesta concepção democrática de ensino, o professor foca na aula anterior e na aula presente para construir a próxima aula. O ponto de observação, com foco na aprendizagem dos alunos, é o ingrediente principal para o planejamento, que já nasce na avaliação.

Os instrumentos metodológicos são, portanto, as ferramentas que alicerçam as aulas, se entrelaçam e auxiliam o ensinar do professor, dando significado a aprendizagem dos alunos. A Metodologia do Pró- Saber é algo impactante à primeira vista. Assusta, amedronta, apavora...

No entanto, quando nos alimentamos da reflexão e a levamos para a vida profissional e privada, para nossa prática, percebemos o quanto ela é indispensável. Principalmente em nosso país, que tem uma educação doente e deficiente com modelos autoritários e insuficientes. Os métodos de ensino tradicionais e autoritários não permitem a interação dos indivíduos, bloqueiam sua criatividade e o conhecimento passa a ser meramente reproduzido, dentro da ideia de que o professor é detentor do conhecimento.

A concepção autoritária de ensino castra o pensamento dos indivíduos e os transforma em criaturas obedientes e silenciosas, dominadas pelo medo da exposição. O que os professores nesta concepção esperam ouvir de seus alunos é somente a reprodução do conhecimento, sem que os mesmos tenham o direito de refletir, opinar ou discordar. Fui educada nesta concepção autoritária e excludente, por isso, necessito de constante vigilância e reflexão sobre minha prática diária na sala de aula e sobre a minha vida particular.

O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processo de busca (FREIRE, P., 1975, p. 67).

Sinto que, o Pró- Saber é um lugar que torna tudo possível, com muito estudo, disciplina, coragem, acolhimento/afetividade, rigor, trabalho e busca pela sua opção democrática. Acredito totalmente na Metodologia de Ensino desenvolvida por Madalena Freire e praticada no Pró- Saber. Fui atravessada e transformada por ela. Eu enxergava tudo de forma muito limitada, nunca imaginei que a educação pudesse ser uma forma de transcender, de estar no mundo, de pensar e agir, uma forma de expressar nossa liberdade enquanto cidadão da Terra.

O Pró-Saber foi um divisor de águas na minha vida, hoje me vejo verdadeiramente como uma educadora, constato minha competência para reger uma turma com total autonomia. Encontros que me fizeram pensar e repensar onde surgiram muitas reflexões, me deixaram com "borboletas no estômago". Trouxe-me muitas respostas e também muitos questionamentos sobre o mundo que me cerca e das minhas ações diante dele.

A partir daqui, reflito sobre as minhas experiências de vida, principalmente com a disciplina de Filosofia, ministrada, na época, por Paula Padilha. A Filosofia desperta nossa sensibilidade, permite um olhar sutil para nossas vivências, nos coloca em um outro lugar. Mas, o que mais me inquieta nos conteúdos estudados é o método de ensino, o processo pelo qual passei.

Eu sempre digo que o Pró-Saber é um casulo e que , ao final dos três anos, sairá uma turma de borboletas, todas voando alto. Acredito que, é preciso ensinar o indivíduo a pensar, a questionar, a se expor e a se impor, socializando suas experiências, a fim de construir conhecimento junto ao grupo. E o segredo é a valorização e o reconhecimento da potência de produzir do indivíduo. E é sobre isso que quero aprofundar nos próximos capítulos.

## 2 BORBOLETAS NO ESTÔMAGO

"O que será que me dá  
Que me queima por dentro, será que me dá  
Que me perturba o sono, será que me dá  
Que todos os temores me vêm agitar  
Que todos os ardores me vêm atiçar  
Que todos os suores me vêm encharcar  
Que todos os meus nervos estão a rogar  
Que todos os meus órgãos estão a clamar  
E uma aflição medonha me faz implorar  
O que não tem vergonha, nem nunca terá  
O que não tem governo, nem nunca terá  
O que não tem juízo" (BUARQUE, 1977).<sup>1</sup>

O primeiro passo foi o vestibular, já que as inscrições eram somente para candidatos residentes no município do Rio de Janeiro e que trabalhassem em creches públicas e/ou comunitárias, filantrópicas ou particulares de Educação Infantil, localizadas no Município do Rio de Janeiro, e que desenvolvessem suas atividades em sala de aula da Educação Infantil.

O candidato realiza três etapas. A primeira foi uma Prova Escrita, que abordou um tema sócio educacional atual. A segunda se dividiu entre Memorial e Entrevista. No dia da entrevista, os candidatos deveriam apresentar um memorial de vida de educando e educador.

Confesso que fui muito insegura, não sabia o que estudar, quais as questões iriam cair. Li apostilas de concursos, que tinha em casa, Estatuto da Criança e do Adolescente, um pouco sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação... No entanto, me deparei com uma prova que exigia apenas o meu pensamento. Deveria escrever sobre a creche dos meus sonhos e pensar na prática, socializar a realidade do meu trabalho dentro de uma Creche Municipal, localizada em uma comunidade dominada pelo tráfico e abandonada pelo poder público. Escrevi como imaginava uma creche que fosse boa para as crianças e pudesse atendê-las de forma mais ampla.

---

<sup>1</sup> Chico Buarque, Canção: O que será. À flor da pele.

Quando me apresentei para a entrevista, sofri uma torção no tornozelo, duas horas antes de me apresentar. Meu pé ficou roxo, sentia uma dor muito forte, daquelas que faz a gente cuspir marimbondos. A princípio, fiquei apreensiva, meu pé inchou demais, me desesperei, afinal não poderia faltar na entrevista ou seria eliminada.

Busquei forças e tomei dois comprimidos para dor, coloquei um vestido bem comprido que escondia os tornozelos e pedi ao meu irmão Pedro, que me deixasse no Pró-Saber. Fui entrevistada pelas queridas professoras Cláudia Sabino e Heloísa Protásio. As perguntas eram objetivas e confesso que fiquei muito nervosa. Nesta etapa do vestibular, o educando já é convocado a ser expor, trazendo suas memórias escritas, lendo e respondendo às perguntas da entrevista que é minuciosa. Li o meu memorial com a voz trêmula, aflita com receio de não passar por esta etapa. Fui convocada a assumir minha opção e me comprometer com os estudos. A dor no tornozelo, eu já nem sentia mais.

O Pró-Saber é um lugar que inspira, um espaço muito bem cuidado e decorado. A arte se faz presente em cada detalhe. O acolhimento começava no portão, onde éramos recebidos com carinho pelo Tião, Geissy ou Diego. E, ao cruzar o portão, contemplamos o jardim, e daí eu pensei na metamorfose, pois me achava uma lagarta, inerte, escondida do mundo, e desesperada pelo conhecimento.

Começo a perceber que a Metodologia tem como base o rigor, o respeito aos horários estabelecidos no grupo. Entrada na sala, às 19 horas, com tolerância de 15 minutos. Eu preferia ir direto do trabalho, sem passar em casa para evitar atrasos e o trânsito caótico. Atualmente, percebo que o rigor é importante para a aprendizagem. O rigor nos ajuda a ter compromisso e responsabilidade.

Chegava na sala de aula, tudo estava sempre bem arrumado, limpo e, quando havia flores na mesa, já sabia que as professoras Clara Araújo ou Madalena Freire estavam presentes.

A primeira diferença mais impressionante foi a presença de uma observadora. Afinal, o que essa pessoa observa? O que ela tanto procura? E por que não fala? Eu me sentia desconfortável com a observadora. Talvez estivesse ali para nos prejudicar, uma "X-9". Sempre fugia do olhar

delas. Pareciam que nos enxergavam por dentro e escreviam o tempo inteiro.

Com o passar dos dias, fui me acostumando com a presença daquela pessoa muda e escrevente. E, vivendo os pontos de observação e a concepção democrática, entendi que as observadoras não eram uma ameaça ao grupo, já que apenas exerciam um papel fundamental dentro do Metodologia de ensino praticada no Pró-Saber. Eram um educador que, em silêncio, observa o ensinar do professor, sua interação com o grupo e os integrantes, atuando como um coautor no planejamento da aula e fazendo devoluções importantes ao professor regente.

Este observador ficava no canto da sala, numa posição onde facilmente podia enxergar a todos, afastado dos alunos e do professor. Escrevendo sem parar em seus notebooks ou no caderno, não esboçavam qualquer expressão de aprovação ou reprovação. Permaneciam silenciosos e com os olhos atentos, registrando sobre a aula.

Percebi que alguns professores não eram adeptos da Metodologia. Mas as aulas transcorriam normalmente, tendo em vista o exercício pleno de sua opção metodológica. Deparei-me diante de uma concepção democrática, que acolhe as ideias diferentes e agrega outros valores. Uma Metodologia inclusiva, que dá voz e vez a todos. Fato que me fez pensar, ajudou na minha formação e fortaleceu em mim o desejo de viver e me deixar transformar por esta concepção libertadora.

Confesso que sentia alívio em não fazer os pontos de observação algumas vezes. O começo foi muito conturbado, eu tinha que anotar as minhas impressões de aula, responder aos questionamentos, fazer leituras e estar focada nos pontos de observação.

Aos poucos, fui me ajustando e abrindo espaço para as transformações acontecerem. Hoje, entendo que só crescemos, quando aprendemos. E aprender dói, como afirma Madalena Freire. São dores profundas e marcantes. Não é fácil sair da zona conforto e enfrentar os desafios de encarar o novo, de buscar, de descobrir, de aprender. Todo aprendizado deixa marcas.

Outro ponto alto da aula é o momento da chamada. Não é aquela chamada numérica ou nominal, onde professor e aluno mal se olham, mas

sim, um chamamento acolhedor, onde os professores utilizam vários recursos como música, poesia, fotografias e textos. É um momento especial, que visa trazer o aluno de corpo e alma para a sala.

Quantas vezes estava de corpo presente e mente distante, mas o olhar sensível dos coordenadores me resgatava e me trazia para aula? Inclusive os ausentes eram chamados e se faziam presentes, os nomes eram expostos no quadro, porque o coletivo é importante, o outro é um espelho, que nos ajuda a aprender e enxergar nossas faltas e nossas potências.

No terceiro ano, tivemos aulas remotas, em função da pandemia de Covid 19, me escondi mais, ficando silenciosa. É bastante difícil acompanhar, pela dificuldade que possuo de ler na tela do celular. Meu rendimento caiu. Mas sempre fui chamada para a aula com muito carinho. As professoras foram incansáveis para recriar o já criado, atuando com maestria e nos permitindo crescer como alunos e seres humanos. É mais fácil aprender, quando sabemos que os professores gostam da gente e acreditam em nosso potencial.

Madalena Freire sempre diz que para ser professor tem que gostar de gente. E todo corpo docente do Pró-Saber se empenha em demonstrar isso. São professores dedicados, disponíveis e estudiosos. Como profissional da Educação infantil, sei muito bem o quanto o vínculo e a afetividade são importantes para o desenvolvimento das crianças.

Acredito que qualquer ser humano desabroche ao se sentir valorizado, ouvido e pertencente à algum lugar. Nossa vida é feita de escolhas e nem sempre acertamos. É importante ter o outro como modelo, inspiração. As crianças pequenas nos observam e nos imitam, devemos ter o cuidado com o modelo que estamos sendo para elas.

A partir das aulas no Pró-Saber, aprendi a observar, educando meu olhar para as minúcias, enxergando além das aparências, dos rótulos. Uma criança fala com o corpo, com suas birras, com seu choro. Observar os alunos nos momentos diversos da rotina me fez descobrir muitas sutilezas que jamais havia percebido.

Todavia, a sensibilidade do olhar deve ser um exercício constante na prática profissional e na vida privada. Olhar não é tão somente ver

alguém ou alguma coisa. Olhamos para muitas coisas no percurso diário das tarefas do dia a dia. Mas será que as enxergamos?

Olhar com sensibilidade é quando nos afetamos com o que está diante dos nossos olhos e refletimos a respeito, na tentativa de criar uma saída ou promover uma ação de mudança.

O Pró-Saber não é nenhum poço dos milagres! O educando só se transforma, se tiver realmente disposto a abrir mão do velho, do passado intrínseco, autoritário, doloroso, se abrindo para uma nova forma de ser e existir no mundo. Entretanto, não somos obrigados a "engolir" os princípios da Metodologia, somos valorizados e estimulados a pensar/questionar, discordar e nos expor. Opinando com propriedade e fundamentando, sabemos que nossa fala e nossas ações devem ser coerentes.

Resgatando memórias das primeiras aulas, recordei que duas colegas de turma foram bem resistentes aos conteúdos trazidos na Introdução da Metodologia. Uma delas era militante ativa em movimentos sociais, de modo radical, com opinião formada, não conseguindo levar o pensamento para além, ampliando sua forma de se posicionar. A outra não concordava com o "Professora sim, Tia não" e, ao invés de trazer suas inquietações à luz da Metodologia, preferiu desistir do curso.

Tenho certeza que ambas fizeram as melhores escolhas possíveis dentro da realidade de cada uma, entretanto, abriram mão de uma excelente oportunidade de criar a sua própria autoria de pensamento. A teoria nos inspira, os pensadores nos apontam caminhos, mas somos nós quem decidimos o que queremos seguir, sempre justificando nossas escolhas com coerência e embasadas por um pensamento focado em nossa verdade, no que acreditamos.

E de que forma podemos nos libertar e soltar as amarras que nos prendem? Respondo: mergulhando dentro de nós, resgatando tudo que impede nosso crescimento, arrancando decepções, traumas, dores... É como fazer uma grande faxina e jogar fora tudo que não serve mais. Depois de tudo limpo e esclarecido, é chegada a hora da mudança. Em solo fértil, tudo que se planta dá. Penso que carregamos bagagens desnecessárias e, ao longo da vida, permitimos que as pessoas acrescentem peso em nossas malas. E quanto mais pesados nos tornamos, mais silenciosos,

omissos e oprimidos permanecemos. O que de verdade nos liberta é o conhecimento.

Uma pessoa, que conhece seus direitos, deveres e sabe o poder que tem sua voz, não permite que a oprimam. Quantas vezes me calaram, porque tinha medo ou porque não sabia me fazer entender. O Pró-Saber através de sua Metodologia permite que cada um se exponha, se questione, opine, discorde e se apresente ao mundo.

Confesso que no início fiquei assustada, tanto tempo apenas ouvindo os professores e dando respostas decoradas. É difícil expor nossas dores, nossas angústias, nosso sofrimento, nossos medos. Sentia vergonha de falar diante dos colegas da turma, pessoas que eram estranhas. Ficava temerosa pelo que iam pensar sobre mim. Contudo, fui aprendendo a importância de me expor, de ouvir o outro, de calar também, o silêncio se faz necessário para organizarmos nosso pensamento.

Uma fala oca não comprometida com o que se pratica não ajuda a construir conhecimento. Torna-se indispensável o exercício da reflexão constante para fundamentar o que se diz. E aquilo que não expressamos em palavras se traduz nos gestos do corpo que fala. A testa franzida, a perna que treme, o olhar de espanto, os braços que se cruzam, o corpo que se encolhe. Descobri que a sensibilidade pode ser ensinada, escutada e sentida, pelo exercício da observação. Todas as disciplinas do curso se entrelaçam e em cada uma delas, exercitarmos o nosso olhar sensível, pensante e investigativo sobre prática e teoria.

Segundo a teoria de Maria Cecília Almeida e Silva, o objeto da Psicopedagogia é o ser cognoscente, ou seja, o homem em processo de construção de conhecimento. A Introdução à Psicopedagogia, com a professora Heloísa Protasio, trouxe o ser cognoscente, o eterno vir a ser, o sujeito pluridimensional. E entendi que devemos cuidar desse humano, descobrir e estimular suas habilidades, promovendo saltos qualitativos em seu desenvolvimento, focar no que o indivíduo pode oferecer e não nas suas dificuldades. Foi uma disciplina que me ajudou a mudar o olhar em relação aos meus alunos mais difíceis e encará-los como sujeitos pensantes e autores. Enfrento sim, desafios diários, porém cada criança



com a sua potência me encoraja a buscar soluções criativas, significativas e eficazes.

As aulas de Arte, uma disciplina complementar da grade, com a professora Luana Gonçalves, me fizeram desabrochar no processo criador na linguagem plástica. Desafiei-me a desenhar e participar mais dos projetos da turma. Descobri que minhas mãos podiam fazer muitas coisas além de dar banhos e trocar fraldas.

A professora Juliana Medella levou a turma a desafiar os limites do corpo. A turma 2018, dividida em subgrupos, criou belas performances, o que acabou gerando um livro “Leitura de si e de mundo”, produzido pelo Pró-Saber e muitas emoções com a apresentação que fizemos para as famílias e na Feira Literária de Paraty.

Durante as aulas, éramos convocados a deixar o corpo falar, um exercício constante de apurar o olhar e interpretar o silêncio. A voz não era uma ferramenta neste processo. Criamos uma assinatura corporal, uma marca só nossa, nossa identidade, sem falar, apenas um gesto, com movimentos que desenhavam no espaço a força interior de cada um.

Com o exercício da “mandala umbuntu”, descobri o quanto o outro é importante, pois, se um errasse, todos erravam. A tarefa organizava a turma em dois subgrupos, tendo como desafios realizar movimentações numa espécie de ziguezague, posições a fim de preencher os espaços vazios, o que exigia muita concentração, leveza e colaboração de todos.

Com o olhar atento, com a ausência da linguagem verbal, os corpos se entrelaçavam pelo espaço. Juliana Medela apenas observava toda movimentação, pois previamente encaminhava os comandos nessa atividade. “Cumplicidade silenciosa” batiza a professora ao longo das aulas. É importante esse cuidado com o outro, pois, sem essas relações, não existimos. Como já mencionei, este curso de formação entrelaça todas as disciplinas e oportuniza o apurar do olhar, o transformando em sensível, observador, atento, naquele olhar que acolhe, que incentiva, o olhar que autoriza.

No desafio de aprender a “ouvir” e a olhar meu próprio corpo, noto que consigo ensaiar, exercitar de fato este novo olhar na prática, na minha sala de aula. Fui flechada a acolher cada corpo presente neste espaço

representado por cada criança, enfrentando os desafios, o ranço autoritário enraizado e, inspirada por Juliana Medella, enxergo de maneira diferente o aluno W; começo a ouvir cada gesto de seu corpo, fato que vou contar mais adiante no terceiro capítulo.

Com a professora Melissa Lamego, na disciplina de Alfabetização Cultural, descobri que os espaços culturais são públicos, portanto, para todos. E o educador deve proporcionar esses encontros aos seus alunos, para que se relacionem com o seu passado histórico e aprendam desde cedo a preservá-lo para as futuras gerações. Sempre fui contra os passeios com as crianças da creche, pensava que era muita responsabilidade para nós e obrigação dos pais.

Com a disciplina de Alfabetização Cultural, mudei o meu pensamento, entendi que as crianças têm direito a conhecer outras possibilidades, outros espaços. Importante torná-las conscientes sobre a importância da História e da Arte, derrubando muros de preconceito, resgatando autoestima, oferecendo um espaço para pertencerem a um lugar onde se enxerguem valorizadas e especiais.

Quando oportunizamos o encantamento através da Arte, nós marcamos a vida do outro e ele, por sua vez, atravessado por esse deslumbramento, vai afetar outras pessoas. Foi assim que me senti ao entrar pela primeira vez no Teatro Municipal; senti a necessidade de levar outras pessoas para se encantarem, principalmente, as crianças da Creche Municipal onde trabalhava que ficava dentro de uma comunidade violenta, dominada pelo tráfico, única realidade que a maioria delas conhecia.

Quando nos encontramos com a arte, ganhamos uma nova visão do mundo. A arte registra a história e a evolução do ser humano. É um importante instrumento de reflexão e de transformação da nossa maneira de ser, sentir e pensar o mundo. Vivemos uma época de banalização do olhar, precisamos educá-lo para enxergar o imperceptível, focar nos detalhes e ir além do óbvio, contemplar uma obra de arte, com um olhar paciente, delicado, degustando a obra e se deliciando com sua mensagem. A arte é uma troca do artista com o público e, através dessa troca, conseguimos enxergar o valor do outro e estabelecer uma conexão humana.

A Atividade Complementar de Música foi muito bem representada pelo professor Di Lutgardes. A música é reconhecida por muitos pesquisadores e estudiosos como uma ferramenta para desenvolvimento da mente humana, que proporciona bem-estar, prazer, equilíbrio. A música nos permite ir além dos nossos pensamentos, promove resgate de nossas memórias, nossas histórias. Estabelece uma ponte entre o nosso passado e presente.

Durante o semestre, fui provocada nas aulas do professor Di Lutgardes, a usar a música na minha rotina diária, na chamada, na hora do sono, para fazer brincadeiras, etc. Lançar mão de outros estilos, oportunizar às crianças conhecer outros ritmos, sons e melodias. Retirei o DVD de praxe, utilizado pelas professoras na hora do sono e coloquei Ray Conniff, Elvis Presley, MPB, Bossa Nova. E foi um sucesso! O mais interessante é que, na hora do sono, as crianças pediam para colocar a música.

O professor Di Lutgardes trouxe diversos exemplos de brincadeiras com música, que pude facilmente aplicar na sala do maternal 2 (crianças de três anos) - cantigas de roda, sons com o corpo, sons com copos, oferecer instrumentos para as crianças produzirem som.

Realizei algumas atividades com a turma, nos momentos em que estávamos fora de sala, com as cantigas de roda, como A história da serpente, A linda Rosa Juvenil, A canoa virou, entre outras. Percebia como as crianças se soltavam e ficavam mais felizes, assim como eu, nas aulas do professor Di Lutgardes. Lembro que passava a semana toda numa correria danada, com trabalho, filhos, casa, aulas e tarefas da faculdade. E, durante as aulas dele, me sentia leve, livre e solta. Cantava, dançava, tocava instrumentos e conhecia alguns bem diferentes, como a queixada de burro, as unhas de lhama e o guizo da cascavel.

Tive meu desejo de aprender sempre estimulado. Fui pesquisar músicas para levar como nutrição e voltar nas letras das músicas apresentadas pelo professor, as quais me levaram a muitas reflexões sobre a minha vida, meu papel no mundo e como cidadã neste país.

E nessas pesquisas, descobri uma música escrita por Gabriel, o Pensador, que é uma crítica à concepção autoritária de ensino e sobre o papel dos pais na educação.

[...] Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci  
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi  
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci  
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi [...] (Gabriel, o Pensador, 1995)

Por diversas vezes, ouvi comentários de alguns profissionais da educação criticando o funk. Sabemos que é um estilo musical que prevalece em nosso país, onde predominam as comunidades carentes. Os bailes funk acabam se tornando o único lazer para essa parcela da população. As letras incitam à violência, ao desrespeito às mulheres e fazem apologia ao crime. Mas não podemos simplesmente nos opor a este tipo de música.

Devemos criar projetos que envolvam a música, descobrir a origem do funk, desafiar os alunos a compor letras de funk, que revelem suas realidades, seus objetivos. O papel de educador é estimular a criatividade e o senso crítico dos seus alunos. Como posso querer alunos sensíveis, com gostos mais requintados, se não oportunizo o encontro dos mesmos com a arte, com a música, com a dança e com a leitura? A mudança que eu quero no mundo, depende das minhas ações diante dele.

Se eu que sou adulta e pensava que nada mais na vida poderia mudar, entrei no Pró- Saber e tive o véu da ignorância retirado dos meus olhos, mudei minhas convicções, revi velhos conceitos e criei novos, imagina uma criança com a cabeça fresca como um solo fértil? É preciso plantar. Tudo que plantamos, colhemos. Desafio é semear coisas boas...

A literatura liberta nossa mente. Quem lê, não vive aprisionado. A disciplina Oficina de Leitura e Escrita, com a professora Liana Castro, também é oferecida durante todo o curso. O foco é a importância do ato de ler e a literatura está presente desde o primeiro dia. E, através dela, promoveu-se um encontro com a História da Literatura e da Arte.

A leitura do livro Quarto de Despejo, da autora Carolina Maria de Jesus, mexeu profundamente com meus sentimentos, emoções e me permitiu diversas reflexões. Além de conhecer histórias dos colegas, que

passaram por situações difíceis, fome inclusive, permitiu que eu refletisse sobre a população de rua, famintos, doentes, sem esperança. Uma atividade em sala foi destacar um trecho do diário de Carolina e escrever um texto comentando. Destaquei o seguinte trecho:

Quando eu fui catar papel encontrei um preto. Estava rasgado e sujo que dava pena. Nos seus trajes rotos ele podia representar-se como diretor do sindicato dos miseráveis. O seu olhar era um olhar angustiado como se olhasse o mundo com desprezo. Indigno para um ser humano. Estava comendo uns doces que a fábrica havia jogado na lama. Ele limpava o barro e comia os doces. Não estava embriagado, mas vacilava no andar. Cambaleava. Estava tonto de fome. (JESUS, 1960, p. 54)

Penso também em tantos outros “pretos” ou “brancos”, que cruzam nosso caminho diariamente e nós sequer os olhamos. Vemos, porém, não enxergamos. Fugimos, mudamos a direção do olhar. É triste de se ver a miséria humana. Uns, por causa das drogas, outro, por doenças mentais e outros ainda por motivos desconhecidos, mas todos nas ruas, nas sombras, com fome, embriagados ou não. Sofrem, choram... Imagina viver na indiferença?<sup>2</sup>

Me identifiquei muito com a autora Carolina Maria de Jesus, uma mulher à frente do seu tempo, que estudou o suficiente para ler e escrever, mas era movida pelo desejo de vida. Escreveu seu ponto de vista sobre a fome, a pobreza, a solidão, os desafios da maternidade, a solidão, o amor, a violência doméstica, e a política da época (1955 - 1960).

Também sou mãe de três filhos, o primeiro veio ao mundo, pouco antes dos meus 15 anos, me fazendo abdicar de minha adolescência para me tornar responsável por uma vida. Fome, eu nunca passei, mas vivi algumas situações bem complicadas e muitas privações, tendo que trabalhar dia e noite para garantir o sustento dos meus filhos.

---

<sup>2</sup> Atividade da aula de OLE profa. Liana Castro, 28 de agosto de 2018.

Desenho 01-- Carolina



Acervo da autora

A partir da leitura do livro, Quarto de Despejo, comecei a pensar sobre as pessoas que estão às margens da sociedade, são moradores de rua, dependentes químicos, presidiários. São os invisíveis. Mas precisamos pensar sobre essa enorme parcela de seres humanos. O sistema prisional não recupera. Não existe uma política pública eficaz para tratar os dependentes químicos. Os abrigos públicos para população de rua são precários e inseguros.

Tenho o desejo de trabalhar em algum projeto, que atenda essas pessoas, principalmente os dependentes químicos. Não adianta pensar sem agir, é fundamental pensar, refletir para agir. E a Filosofia contribui para essa postura diante do mundo.

Segundo a filósofa Hannah Arendt (2014), a liberdade é uma ação que se dá no espaço público. A liberdade se expressa na vontade, no desejo de fazer, de transformar e de criar. A capacidade de recomeçar é uma importante característica humana, por isso, acredito que todo ser humano pode se recuperar, movido pelo desejo de viver e existir.

A professora Liana Castro convidou a Lena Martins, criadora das bonecas Abayomis, para realizar uma oficina com o objetivo de valorizar e fortalecer a autoestima e a nossa identidade afro-brasileira, pois Carolina de Jesus falava com orgulho de ser negra. Nessa oficina, nós aprendemos

a fazer a fazer um bebê Abayomi (arte com retalhos de tecido, sem costura, apenas nós) e resgatamos muitas memórias de infância.

Algo aconteceu comigo durante a oficina, olhando as fotos das bonecas nos livros da Lena Martins, fiquei muito interessada. Encantei-me com a beleza, com a história, e, principalmente, por ser uma arte tão simples, feita com retalhos, nós, criatividade e amor.

Comecei a confeccionar as bonecas, fui enrolando retalhos pretos, criando saias e turbantes... Mas ainda não conseguia deixá-las de pé. Foi quando pensei em usar garrafas pet como base, o que deu supercerto!

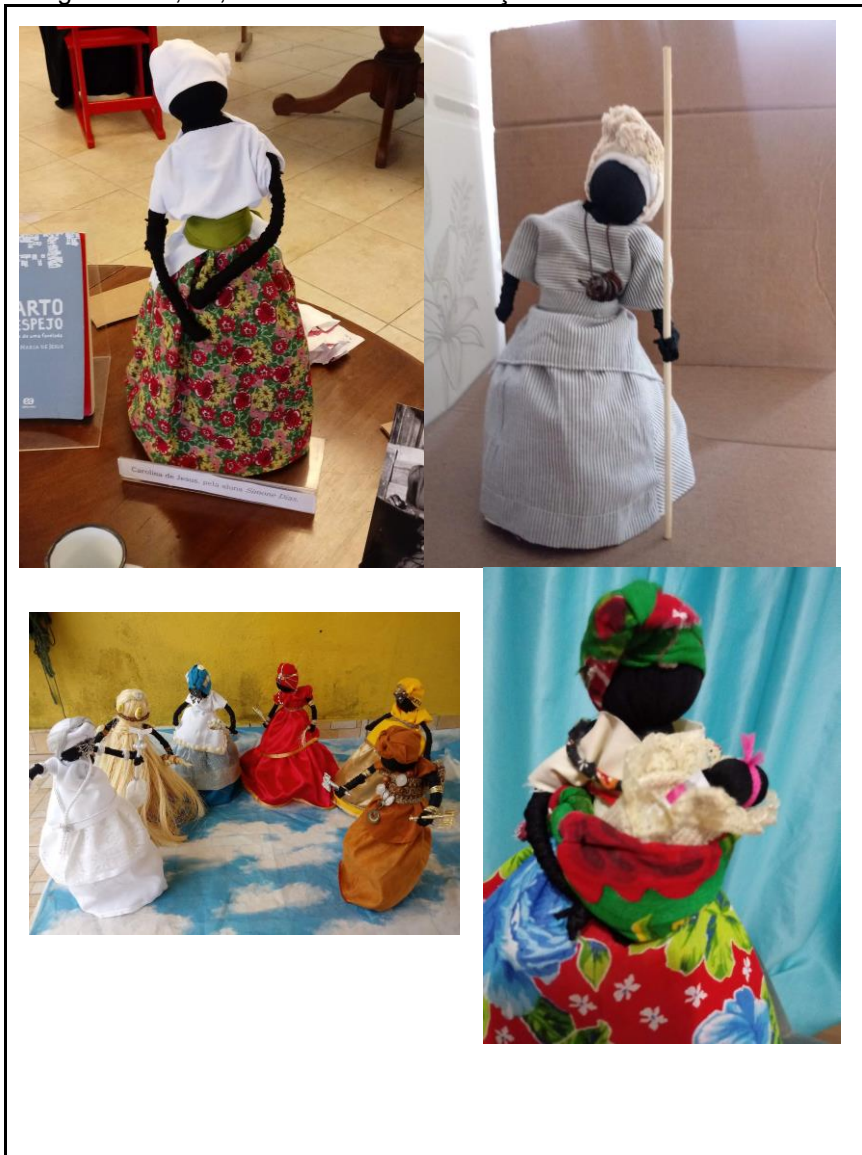
Comecei a pensar na minha trajetória de vida e a entrelaçar as minhas experiências e história com as bonecas. Criei algumas rezadeiras, para homenagear Dona Jacira, uma senhora rezadeira, que morava no Andaraí e rezava, eu e minhas irmãs, depois meu filho e sobrinhos. Acredito que através da arte, imortalizamos memórias. E, se as memórias não morrem, nós seguiremos existindo nos objetos de arte que confeccionamos.

Quando consideramos o passado arcaico e histórico da humanidade, percebemos que estetizamos obras e objetos de finalidade simultaneamente mágica, religiosa e identitária: pinturas, tatuagens, máscaras, braceletes, colares, bem como música e danças. Fizemos o mesmo, também, com objetos de finalidade prática: cerâmicas, calabças, ânforas... (MORIN, 2017, p. 23).

Pensar em meus ancestrais negros é também pensar nas religiões por eles praticadas. Sou apaixonada pela história dos Orixás, suas lendas, suas vestimentas.

As minhas bonecas foram inspiradas nas Abayomis de Lena Martins, entretanto, são diferentes. Uso costura, cola quente, materiais recicláveis. Tenho muito orgulho de minhas obras, cada boneca é única, cada uma carrega um significado e leva o meu sentimento. As bonecas surgiram em um momento de muita dificuldade financeira e me ajudaram bastante.

Fotografias 03, 04, 05 e 06 -- Minhas Criações



Acervo da Autora

A concepção democrática de ensino me deu voz e vez, me levou a pensar e questionar minha prática, me deixando mais criativa e capaz. Esta forma democrática de construção do saber dialoga com a Filosofia, já que o professor é um eterno aprendiz e pesquisador, necessitando continuamente refletir e se debruçar sobre sua prática.

E com a disciplina de Metodologia da Pesquisa, com as professoras Maria Delcina e Cristina Porto, entendi que a monografia exigia um olhar apurado, rigoroso no exercício árduo de reflexão pautado em nossos registros durante os três anos do curso. O registro é precioso, tudo que é escrito nunca se perde.



O processo de construção foi muito rico, trabalhamos em subgrupos e fomos refazendo nosso percurso desde o primeiro ano até aqui e o que descobrimos foi encantador. Quanta coisa vivemos!

O maior tesouro foi reconhecer nossas transformações, quanto crescimento! O trabalho no subgrupo foi muito importante, porque um ajudou o outro a resgatar memórias e lembrar acontecimentos. Na verdade, só internalizamos aquilo que mexeu conosco, o que nos flechou.

Escavar memórias, lembranças, é reviver experiências e cada pessoa vivencia um mesmo momento de forma diferente e cada um vai dar o depoimento daquilo que viveu. Relembrei a primeira aula que tive com Madalena Freire, que foi surpreendente. Eu estava admirada com tamanha paixão pelo ensinar, quando, de repente, ela me disse:

- E você, não escreve não? Vai colocar o quê na síntese?

Então, eu acordei! Desde esse dia, comecei a escrever até os silêncios no caderno.

A cada nova disciplina, um desafio. As professoras instigam nosso pensamento, nos provocam a refletir e a expressar o nosso pensamento. E por carregar dentro de nós o silêncio imposto pelo autoritarismo de outrora, preferimos nos calar. Vergonha e medo de errar ou por acreditar que o nosso pensamento não tem valor.

Hoje me pego fazendo uma reflexão mais profunda sobre minha educação escolar e a educação dos meus pais. Na escola, eu decorava tudo. Uma palavra mal colocada e a professora anulava a questão inteira. Eu só vivia para repetir e obedecer.

Em casa, não era diferente! Apesar de minha mãe ter sido maravilhosa e presente, era autoritária. Lembro que não podia ter amigos, só podia brincar com minhas irmãs. E precisava obedecer. Sempre. Minha mãe sempre estava certa. E, se nos batia, não podíamos chorar. Engole o choro e pronto. Sei que minha mãe teve os motivos dela para agir com tanta rigidez. Ela enfrentou desafios sozinha, quando foi lançada no mundo aos 8 anos de idade pela mãe dela. Teve que trabalhar como escrava e, aos 16 anos, viveu uma violência muito grande, passou por inúmeras dificuldades e teve que criar o filho sozinha. Minha mãe fez o que podia com as marcas que deixaram nela.

Entretanto, como educadora, meu lugar é outro. Preciso ser o remédio curador das dores, borracha para as marcas negativas e amor para todas as horas, exigindo comprometimento dos meus alunos e rigor no cumprimento das tarefas e combinados. Educador é um eterno vir a ser. Cada turma exige uma postura. Cada novo aluno é um desafio.

O profissional de educação tece uma rede de fios invisíveis, os alunos levam estes fios que se entrelaçam com outras histórias, outras vidas, outros professores. Devemos ser responsáveis e cuidar da qualidade dos fios que tecemos e sempre refletir sobre nossa prática, descobrindo novos caminhos e soluções para a demanda diária de uma sala de aula.

A metodologia do curso de formação do Pró-Saber provoca que cada um revele sua verdade, assumindo sua liberdade e autoria. Afinal, somos também humanos e falhamos. O método de ensino do Pró-Saber revela a verdade e desnuda a liberdade. “E conhecereis a verdade, e ela vos libertará” (Evangelho de João)

Ninguém se esconde, ainda que tente. O Pró-Saber oferece meios para que a gente desabroche e se exponha. E como desabrochar sem descobrir a nossa verdade?

Vivemos muito tempo anulados, sem voz nem vez. É impactante chegar ao Pró Saber e perceber que, para educar/cuidar do outro, precisamos primeiro cuidar de nós e curar nossas feridas. Retirar o véu do autoritarismo e caminhar em busca da liberdade: “A pouco e pouco, porém, a tendência é assumir formas de ação rebelde. Num quefazer libertador, não se pode perder de vista esta maneira de ser dos oprimidos, nem esquecer este momento de despertar” (FREIRE, P, 1975, p. 55).

Cheguei ao Pró Saber, achando que iria aprender sobre Educação Infantil. No entanto, estou saindo "formada", instrumentalizada para assumir minha vida. Aprendi a não reclamar, resmungar. O tempo é precioso para perdê-lo com lamúrias. Não podemos nos apequenar diante da vida e nem de ninguém.

Resgatei ainda as aulas sobre alfabetização e letramento, com a professora Clara Araújo, que trouxe o método de alfabetização de adultos, desenvolvido por Paulo Freire. Achei fantástico, eu nunca ouvira falar sobre isso. E, curiosa, peguei o livro Pedagogia do Oprimido, de autoria do Paulo

Freire para ler. Teria sido um milagre? Alfabetizar adultos em 40 horas? Não! É valorização do ser humano, sua história, sua cultura e sua identidade. É ter esperança no futuro, acreditar que nossas ações podem transformar pessoas e mudar o mundo.

A partir desta leitura, comecei a refletir sobre a educação opressora da qual fiz parte e ainda percebia em mim algumas atitudes autoritárias, tanto na minha vida privada quanto na profissional.

Se alguém vive oprimido e com medo, lentamente caminha para morte. Parou de pensar, vive de cabeça baixa, incapaz de discordar. Se anulando para a vida e permitindo que, cada vez mais, os opressores ganhem força. Entre os oprimidos existem ainda os que invejam os opressores e pensam em um dia também oprimir os mais fracos.

Pensando em educação, principalmente, dentro do nosso país, na realidade atual, vemos a grande população vivendo como zumbis. Opressores surgem de diversas esferas, políticas, religiosas, educacionais. Vemos nitidamente o caos instalado, por conta de pessoas que se deixaram levar pelas aparências e o discurso vazio dos falsos profetas. Era das *Fake News*. Ninguém precisa se expor, basta ter uma tela e alguns gigas de internet. Intolerância, racismo, homofobia, feminicídio, pedofilia, tráfico e tantas outras mazelas sociais.

Será que tem jeito? Somente com uma concepção de educação transformadora e libertadora, pautada no rigor, com amor e valorização do ser humano, onde o aluno é estimulado a pensar e usar o raciocínio, se tornando um cidadão consciente de seus direitos/deveres, capaz de levantar a sua voz sempre que tentarem lhe calar.

A minha turma 2018, começou com 38 alunos, ficou no último ano com 24. Infelizmente, alguns ficaram pelo caminho. A cada perda, o grupo desmoronava e necessitava de reorganização para seguir o percurso. Atualmente, somos 23 mulheres batalhadoras, persistentes e um homem, que é um grande exemplo de força de vontade, determinação e superação.

De um amontoado de pessoas distintas, atravessamos um mar de incertezas, desafios, dores, perdas e ganhos para nos tornar um grupo.

### 3 TEORIA E PRÁTICA: COMPROMISSO E RESULTADO

“É importante que nós próprios sejamos bons em tomar a iniciativa, inventar, ter coragem, energia, ter a mente aberta para experimentar, para investigar, para estar no desconhecido”. (HOLM, 2004, p.10).

A Metodologia de Ensino praticada no Pró- Saber não é uma receita de bolo, onde se misturam os ingredientes para ter um produto final. Ela é um caminho. O sucesso depende do empenho de todos, professores e educandos. O papel do professor nesta concepção democrática é estar comprometido o tempo todo com sua prática, exercitando os instrumentos metodológicos, se debruçando sobre sua prática, refletindo e criando estratégias que acolha a todos seus alunos, os provocando a assumir sua autonomia.

Durante as aulas da disciplina de Práticas Pedagógicas, com a professora Cláudia Sabino, falei sobre uma criança minha do Maternal 2, vou chamá-la de W, três anos, uma menina supertranquila, obediente, fazia tudo que era proposto e, no entanto, não falava. Tínhamos que ficar perguntando se ela queria ir ao banheiro, se queria beber água... Com o passar dos dias, aquilo foi me incomodando. Questionei as professoras e sempre ouvi as mesmas palavras: ela é assim, não fala. Até os outros alunos repetiam que W não falava. Vi que o caso dela já estava dado como encerrado. Afinal, para que se importar com uma criança tão quietinha e obediente?

Existiam outros alunos difíceis, que brigavam, batiam e mordiam. Era perto do fim do ano letivo de 2018.

Em 2019, W estava no Pré I e a escola ficou sem professora, as diretoras me pediram para ficar com a turma, até chegar a professora.

W continuava sem falar.

Tomei a decisão de conversar com a mãe dela. Percebi que a mesma era muito tímida, fechada. Mas ela disse que W falava tudo, inclusive, cantava as músicas da escola, brincando com suas bonecas.

Levei o caso para a professora Cláudia Sabino, que me orientou a separar cinco minutos por dia para me dedicar só a W, sair da sala com ela, conversar, fazer atividade e trazê-la para junto de mim.

Não é fácil conseguir 5 minutos, fora de sala, com um aluno, ainda mais, quando se está sozinha com uma turma ativa de quatro anos, composta por vinte e sete alunos. Sempre deixava a W para o final do dia.

Para sair de sala com ela, pedia à Barbara, funcionária da escola, que ficasse com a turma até meu retorno. Levava a W para o pátio externo onde tem muito verde, um pedacinho de mata atlântica e de onde podemos contemplar o mar de Copacabana. Conversava sobre o mar, que cor ele tinha, mostrava os passarinhos, as frutas. Em um desses momentos, fomos presenteadas com a chegada dos micos. W sorriu, ficou encantada.

A princípio, não achei que estivesse surtindo efeito, pois a menina continuava calada. Com o passar dos dias, percebi que ela estava mais próxima, já brincava mais com as outras crianças.

Sempre a trazia para junto, pedia pequenos favores como levar a agenda dos amigos, distribuir as garrafas de água, me auxiliar na escovação.

Um belo dia, trabalhei de manhã e eis que surge a minha inspiração: o pai de W, muito simpático, falante. A conexão com W era visível. Ele disse, “dá bom dia”, e ela me disse: “bom dia”. Fiquei espantada. E descobri qual era a brecha para chegar nela. Todos os dias, eu perguntava pelo pai, onde ele estava, o que fazia. W ficava feliz e sorria.

Fui na biblioteca buscar um livro para ler na hora do sono. Eis que me deparo com o livro Papai!, Autor Philippe Corentin, distribuído pelo projeto do Itaú. O livro aborda o medo na hora de dormir, quando geralmente as crianças gritam o papai. Após o término da leitura, falei sobre os pais, sem me aprofundar no tema, porque algumas crianças não tinham os pais presentes. Então, perguntei o nome dos pais. Todas as crianças falaram dos pais, dos padrastos, dos tios, dos irmãos, enfim, cada uma fez referência com o seu modelo masculino presente. Depois que todos falaram, perguntei: - W, qual o nome do papai? Ela se levantou foi até meu ouvido e disse: - Elias.

Emocionada, eu a abracei, peguei-a no colo e corri para sala da direção. Foi um momento único. As crianças ficaram felizes.

O dia seguinte era sexta feira. Comprei um bolo e depois do jantar, forrei uma toalha no chão, sentei com todos os alunos e disse que o bolo era para comemorar a fala da W.

A minha diretora, Cristiane Fernandes, foi participar e disse – W, agradece seus amigos e a Simone. Ela disse obrigada e todos bateram palmas e cantaram parabéns.

Aqui faço uma relação com as disciplinas do curso, principalmente com **“Práticas Pedagógicas”** ministrada por Cláudia Sabino, **“Oficina de Leitura e Escrita”** por Liana Castro, **“Atividade Complementar Oficina do Corpo e Movimento”** com a professora Juliana Medella, **“Projetos de Trabalho na Educação Infantil”** com a professora Patrícia Gonzalez, **“Psicologia e Comunicação”** coordenada por Elaine Caetano, por fim **“Psicopedagogia”** com a professora Heloisa Protasio.

Os conteúdos específicos de cada disciplina nos permitem transcender em busca do novo, promovendo o nascimento de um ser reflexivo e livre. As relações certamente ocorrem, porque as disciplinas se entrelaçam entre si, costurando o conhecimento, os saberes de cada indivíduo, suas experiências únicas, desejo de vida, o aprender e ensinar. O que nada mais é que o pleno exercício de liberdade, onde cada um se encontra com a sua verdade.

Destaco a importância de trabalhar com a família, o olhar observador e atento para interpretar o silêncio do corpo, que fala com suas limitações.

Como educadora devo usar minha criatividade diariamente para que minhas aulas sejam mais dinâmicas, interessantes e estimulantes. Os educandos precisam se sentir atraídos pela sala de aula, que deve ser um local diferente, acolhedor e agradável todos os dias. A rotina repetitiva, rotineira a ponto de tirar o prazer das crianças de irem à escola.

E como fazer da sala este lugar agradável todo dia? Observando o interesse dos alunos e refletindo a cada aula para encaminhar as atividades adequadas para as situações. O planejamento deve ser flexível, possibilitando um passo atrás ou um à frente, favorecendo a aprendizagem dos alunos.

Onde existe amor, existe compreensão. Onde existe amor, existe perdão. Onde existe amor, existe cura. Onde existe amor, o solo é fértil e tudo que se plantar ali, nascerá. A escola precisa desse amor, do estudo, do rigor imprescindível para organizar a rotina e possibilitar que seus alunos assumam sua autonomia.

Escola vai muito além das Leis, Diretrizes, Bases, Currículo. A escola educa seres humanos, que necessitam de outros seres humanos para se constituírem cidadãos de bem e pessoas sensíveis.

O trabalho de um docente é um trabalho solitário, precisamos de todos juntos comprometidos com a escola. Precisamos do outro e de nós mesmos para entender a nossa incompletude.

Outro ponto que acho importante é expor a questão da hierarquia, que ocorre em muitas instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas. Dentro de uma turma existem professores regentes e auxiliares. Geralmente, os auxiliares são deixados de lado, não participam de reuniões, não tomam conhecimento do planejamento, não opinam, não tem voz e nem vez. Muitos professores, diretores, coordenadores pedagógicos e até mesmo alguns responsáveis menosprezam os auxiliares. O auxiliar só limpa nariz, dá banho, troca fralda, acompanha ao banheiro. Esquecem que, justamente por isso, o auxiliar está mais próximo da criança, possui um vínculo mais estreito.

Eu nunca me preocupei com isso, entrava na creche, fazia meu trabalho e ia embora. Até chegar ao Pró- Saber e descobrir que tenho voz, que sou tão educadora quanto o professor, que tenho muito a dizer nas reuniões com os pais, que sou capaz de escrever um relatório. E me desafiei a encontrar brechas para estar sempre por dentro de tudo que dizia respeito a minha turma e a escola.

Enquanto as categorias brigam entre si, a educação perde, as crianças perdem, pois a educação se faz com amor, competência e parcerias. Um professor comprometido com sua prática é aquele que pensa, reflete e estuda sobre ela. O pensamento é livre, mas ele precisa ser compartilhado na construção para dar frutos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Só conheceremos a verdade sobre nós, os outros e a realidade com nossas leituras, nossa escrita, nossa interpretação sobre o que acontece. O conhecimento liberta. Quando nos libertamos, nunca mais deixaremos nos aprisionar. O conhecimento nos invade, transformando nossos pensamentos e nossas ações perante o mundo. Aprender preenche lacunas, constrói pontes e nos mostra o caminho para um mundo livre.

Em relação ao método de Alfabetização em 40 horas de Paulo Freire, eu vejo como, com um olhar acolhedor e sensível, ele simplesmente valorizou cada um e usou a leitura de mundo que possuíam. Cada vez mais me aproprio da fala de Madalena – “Para ser professor tem que gostar de gente”.

Gostar, respeitar, valorizar, acolher, cobrar rigor e responsabilidade, afinal o aluno também possui deveres. Entretanto, acredito que dentro de um ambiente onde somos ouvidos, respeitados e acolhidos, nossas obrigações se tornam um prazer.

Acredito que através da Educação podemos transformar vidas. O mundo poderá ser um lugar maravilhoso se o conhecimento chegar a todos, possibilitando a libertação, o nascimento de uma nova criatura, pensante e consciente. Somos um mar de pessoas que aparentam "ser", mas apenas estão no mundo. Por quê? Para quê? Qual a sua verdade? Qual é a minha verdade?

Durante muito tempo, eu me recusava a falar das minhas origens, dizer a verdade sobre a minha vida. Um misto de vergonha e receio do julgamento alheio, as pessoas podem ser muito cruéis. Hoje, me questiono: qual sentido ou razão de determinadas coisas? Não posso me envergonhar do que já fui e do que já vivi. O meu passado me fez a pessoa que sou hoje. Estou em constante processo de construção, minha forma de enxergar o mundo se modifica quando eu passo a percebê-lo de um outro ângulo.

No primeiro ano do curso, mergulhei em mim, revisitando minhas memórias e lembranças, resgatando quem eu fui para então enxergar o outro. Que marcas eu tenho? Quais eu quero deixar? Porque preciso tanto do outro?



Como humanos somos movidos pela eterna procura por respostas, pois nossa incompletude nos rege. Não existimos sem o outro, desde o nascimento, já somos inseridos em um grupo o qual não escolhemos, a nossa família. Já nascemos frutos de um amor e, portanto, somos "geneticamente amorosos" e racionais. "O contrário do amor é a indiferença". A indiferença mata e é o contrário da genética humana.

Dependemos da beleza, da ética e da emoção, que vive dentro de nós. Aprender é um grande desafio e dói, porque exige que a gente se arrisque, se exponha e se assuma. Devemos ser agressivos em nossa busca pelo conhecimento, para nascermos apropriados de nossa autoria. Foi esse o meu percurso, que tentei comunicar nesta monografia.

## REFERÊNCIAS

- ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CHICO BUARQUE. **O que será - À flor da pele**. Intérprete: Milton Nascimento. In: Geraes. São Paulo: EMI, 1977. LP, faixa 5 lado a.
- FREIRE, Madalena. **Educador: educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GABRIEL O PENSADOR. **Estudo errado** (Gabriel, o Pensador). In: Ainda É Só O Começo. Rio de Janeiro. Discover. 1995. Faixa 6.
- HOLM, Anna Marie. A energia criativa natural. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 15, n. 1, p. 83–117, 2016. Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643844>. Acesso em: 4 dez. 2020.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. São Paulo: Nova Fronteira, 1978.
- MORIN, Edgard. **Sobre a estética**. Rio de Janeiro: Edições Pró-Saber, 2017.